

ENVELHECIMENTO HUMANO COMO TEMA NO AMBIENTE ESCOLAR: O TEATRO COMO PRÁTICA PROMOTORA DE FORMAÇÃO EDUCATIVA

DOI: 10.5935/2177-6644.20190015

HUMAN AGING THEME IN THE
SCHOOL ENVIRONMENT: THE
THEATER AS A PRACTICE
PROMOTER OF EDUCATIONAL
TRAINING

ENVEJECIMIENTO HUMANO COMO
UN TEMA EN EL AMBIENTE
ESCOLAR: EL TEATRO COMO
PRÁCTICA PROMOTORA DE LA
FORMACIÓN EDUCATIVA

Fábio André Hahn *

Bruno Flávio Lontra Fagundes **

Daniela Maria Nascimento Hypolyti ***

Geovane da Silva Rodrigues ****

Resumo: No âmbito do Ensino de História, nas iniciativas de formação do PIBID, o texto trata da intervenção educativa sobre o tema do Envelhecimento Humano desenvolvida em escola de ensino fundamental da rede pública estadual do Paraná-PR. A intervenção foi organizada com metodologia de ensino a partir de práticas e de técnicas teatrais que instruíam alunos para que eles mesmos pudessem preparar cenas de teatro curtas em que vivenciassem, pela criação artística, aspectos humanos e sociais nem sempre percebidos por eles no seu dia a dia na convivência com idosos. Os resultados tanto para acadêmicos, quanto para alunos, foram compensadores, pois resultaram no agir/pensar com autonomia, proporcionando melhores condições educacionais.

Palavras-chave: Envelhecimento humano. Ensino de História. PIBID.

Abstract: In the context of History Teaching, in the PIBID training initiatives, the paper reports educational intervention on the subject of Human Aging developed in school of the state public network of Paraná-PR. As you will see, the intervention was organized with teaching methodology from practices and theatrical techniques, which instruct students so that they themselves could prepare short theater scenes in which they live, by artistic creation, human and social aspects, not always perceived by them in their day-to-day living with the elderly. The results for both academics and students were rewarding, as they resulted in acting/thinking with autonomy, providing better educational conditions.

Keywords: Human Aging. History teaching. PIBID.

* Docente dos Programas de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), Ensino de História (ProfHistória), e interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: fabioandreh@gmail.com

** Docente dos Programas de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), Ensino de História (ProfHistória), e interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: parabrunos@gmail.com

*** Graduada em História e mestre pelo Programa de Pós-Graduação interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: daniella.hist@gmail.com

**** Ator, diretor e produtor na empresa Grupo Experimentos. Graduado em História pela Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: gio_vani_rodrigues@hotmail.com

Resumen: En el contexto de Historia de la enseñanza, en las iniciativas de formación de PIBID, el texto aborda la intervención educativa sobre el tema del envejecimiento humano desarrollado en la escuela primaria de la red pública estatal de Paraná-PR. La intervención se organizó con una metodología de enseñanza basada en prácticas y técnicas teatrales que instruyeron a los estudiantes para que pudieran preparar escenas teatrales cortas en las que experimentaron, a través de la creación artística, aspectos sociales y humanos que no siempre percibieron en la convivencia con los ancianos. Los resultados tanto para académicos como para estudiantes fueron gratificantes, ya que resultaron en actuar / pensar con autonomía, proporcionando mejores condiciones educativas.

Palabras clave: Envejecimiento humano. Enseñanza de la historia. PIBID.

Introdução

Para tratar do tema do "envelhecimento humano" é preciso, antes, chamar a atenção do leitor sobre o rápido aumento da expectativa de vida no Brasil nas últimas décadas, em especial décadas após o término da Segunda Guerra Mundial. Os dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde – OMS em 2016 apontam que a expectativa de vida no Brasil chegou a 75 anos, apesar de ser difícil definir uma média para todo o país tendo em vista as diferenças contextuais em cada grande região – diferenças que podem tanto ser causadas por questões geográficas, culturais, econômicas, quanto por questões de infraestrutura nos respectivos *habitats*. O que parece evidente é que existe certa convergência em expectativas de vida maiores dentro de cada grande região do país, elevando os dados de uma média nacional.

A notícia é boa por um lado e um tanto preocupante por outro.

O lado bom dessa constatação é que todos nós somos beneficiados pelo aumento da expectativa de vida e queremos estar entre os grupos mais longevos da sociedade. Preocupa, por outro lado, a falta de informações sobre o tema e a falta de estrutura e de infraestrutura da sociedade em relação ao aumento inédito do número de idosos em cada grupo populacional.

As condições de vida melhoraram na segunda metade do século XX e início do século XXI, especialmente quando pensamos na questão da saúde, com avanços na medicina e com novos recursos tecnológicos em todos os setores da vida. As pessoas passaram a viver mais, porque, entre outros fatores, começaram a se cuidar, motivadas com campanhas de prevenção realizadas pelo Estado, desde o combate ao alcoolismo e ao tabagismo até o acompanhamento e o controle da hipertensão e da diabetes, fatores que reduziam drasticamente a expectativa de vida (ALBUQUERQUE et al., 2015, p. 52). Temos um aumento da expectativa de ampliação da longevidade na população

brasileira, o que exige do Estado políticas públicas voltadas com maior intensidade para esse grupo populacional.

De posse desses dados iniciais e preocupados com a formação dos jovens alunos, teríamos de pensar atividades educativas que não deixassem de levar em consideração uma realidade tão ostensiva na sociedade atual como é o caso indiscutível do aumento progressivo da faixa etária de idosos em relação às demais faixas etárias. E, como realçado acima acerca da falta de informações, constatamos, inicialmente, que éramos, como a média dos brasileiros, desconhecedores do tema do envelhecimento humano. Tínhamos, antes de tudo, de sanar essa falta de conhecimento.

Com a finalidade planejar ações no âmbito da educação básica, iniciamos estratégia de estudos sobre o envelhecimento humano e sobre alternativas para que docentes e futuros docentes possam de lidar com esse tema no ambiente escolar. A proposta incluía leituras especializadas em educação e terceira idade, assim como a promoção de palestras técnicas de especialistas em saúde pública. Realizamos planejamentos e atividades de intervenção durante o ano de 2015 com um grupo constituído por acadêmicos pibidianos e professores da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR em Campo Mourão/PR, isso junto a quatro escolas estaduais localizadas no município: Colégio Unidade Polo, Colégio Estadual de Campo Mourão, Colégio Osvaldo Cruz e Colégio Darcy Costa. Este texto trata apenas da aplicação da temática no primeiro desses colégios, em que o foco específico foi abordado a partir da prática teatral.

A atividade era parte das ações do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, que visavam a formação inicial de acadêmicos da graduação, possibilitando experiências mais intensas e frequentes no ambiente escolar da educação básica. Visávamos criar, nas escolas, situações de ensino-aprendizagem para os alunos quanto à realidade do grupo populacional de idosos, uma realidade cada vez mais presente em suas vidas, mesmo que não a reconhecessem.

O envelhecimento humano é tema pouco explorado no ambiente escolar, espaço em que as políticas e as ações do Estado poderiam ser intensificadas com maior regularidade, resultando em conquistas mais expressivas a longo prazo. O envelhecimento é tema que nos afeta a todos, independentemente da idade, e que começa a ganhar contornos mais representativos em função do aumento da expectativa de vida da sociedade brasileira, como já acima informado. Na escola – ambiente propício

para estimular a pensar a questão –, o tema deveria ser basilar para a formação do cidadão.

Talvez poucos saibam que a Política Nacional do Idoso (Lei Federal nº 8.842/1994) deveria ser parte dos currículos escolares em geral e a ser abordada com os devidos contornos no ambiente escolar. Essa lei propõe a inclusão da temática voltada ao processo de envelhecimento humano nos currículos mínimos nos mais diversos níveis do ensino, para uma melhor compreensão do assunto, evitando preconceitos e estimulando a intergeracionalidade. A mesma questão foi posteriormente ratificada tanto no Estatuto do Idoso (Lei Federal nº 10.741/2003) e que trata da importância do tema na educação formal, quanto na Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria/MS nº 2.528/2006), que propõe uma articulação intersetorial entre os Ministérios da Saúde e da Educação visando garantir a inclusão, nos currículos escolares, de disciplinas que abordem o processo de envelhecimento, com isso valorizando a pessoa idosa e promovendo prevenção de saúde em todas as faixas etárias.

Segundo Teresa Bezerra de Sena (2011, p. 36), o envelhecimento populacional aponta indícios de que é necessário reinventar convívios, espaços formais e informais de educação intergeracional. A autora lança a seguinte pergunta: Quanto conhecem os jovens alunos sobre o processo de envelhecimento?

A partir dessa provocação, propusemo-nos realizar uma ação de intervenção na escola sobre o tema “envelhecimento humano”. Dentre as muitas possibilidades de ação, optou-se pelo teatro, considerando ser essa uma linguagem ao mesmo tempo artística e educacional adequada para bem motivar alunos de uma sala de aula no ensino fundamental. Entendeu-se que esse tipo de intervenção na escola seria marcante na vida dos alunos, o que atenderia à urgência da questão em um país que caminha rapidamente para o envelhecimento populacional conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mas que, no entanto, pouco realiza em termos de ações de formação e menos ainda realiza investigações sobre como proceder de forma mais adequada para inserir o tema entre os conteúdos curriculares e as práticas educativas.

Para tratar sobre como essa intervenção foi realizada, o presente texto foi desenvolvido em quatro diferentes momentos: (i) inicialmente tratamos de investigar o perfil dos alunos com os quais a atividade iria ser desenvolvida, o que incluiu a aplicação de um questionário e uma avaliação contextual; (ii) depois tratamos da leitura dos materiais realizada para pensar a ação, escolhendo para a análise uma intervenção teatral

realizada por um grupo de quatro acadêmicos pibidianos; (iii) a partir dessa primeira preparação, esses grupo de acadêmicos pibidianos passaram a se preparar para desenvolver a sua apresentação teatral sobre um caso da vivência voltado ao tema do envelhecimento; (iv) realizadas as atividades, optamos por aplicar um questionário avaliativo com o propósito de verificar com os alunos o entendimento do tema e os resultados da teatralização realizadas.

Avaliação contextual

“Para ensinar história a João, é preciso entender de ensinar, de história e de João” (CAIMI, 2009, p. 71). Esse bordão, utilizado com determinada frequência pela pesquisadora Flávia Eloísa Caimi em alguns de seus artigos sobre ensino de História, é-nos útil neste estudo para pensar o início do trabalho com o tema do envelhecimento humano no âmbito escolar em que estávamos. Quando chegamos ao primeiro colégio, o domínio de conteúdo era insuficiente da parte dos acadêmicos, em função do que se fazia necessário, portanto, realizar atividades em várias frentes, não somente o estudo de uma bibliografia pertinente – “entender de história” –, mas também fazer uma investigação do espaço físico e dos sujeitos presentes no colégio – “entender de João”.

Conhecer o espaço em que se pretende atuar é fundamental, uma vez que permite planejar o trabalho a ser realizado levando em consideração o que de melhor ele tem a oferecer. A escola não precisa, para educar, se restringir ao espaço “sala de aula” e, além disso, os sujeitos com quem almejávamos trabalhar faziam parte daquele espaço, com o que, a partir do momento em que buscávamos valorizar aquele espaço com o qual os sujeitos alunos estavam familiarizados, eles também se sentiriam valorizados.

Apesar de a investigação do espaço ser fundamental neste trabalho, mais importante do que esse espaço é conhecer e compreender os sujeitos, ou seja, os alunos que estão usufruindo desse ambiente e que são o cerne do desenvolvimento deste estudo.

Como Caimi demonstra, de nada nos adiantaria ter domínio do tema, saber desenvolvê-lo no espaço ofertado, senão buscássemos conhecer e compreender os sujeitos a serem educados. Tendo em vista que eles não se configuram e nem devem ser encarados como indivíduos passivos e meros receptores de informações, mas, pelo contrário, pessoas ativas, que refletem, questionam e constroem seu próprio pensamento.

Quando surgiu a ideia de se trabalhar com o tema do envelhecimento humano no ambiente escolar, um dos mais importantes espaços onde se formam os futuros cidadãos,

a primeira coisa que fizemos foi escolher um colégio e ir até ele conhecer o espaço da escola e as pessoas responsáveis pela sua administração.

Elegemos para o estudo e a ação de intervenção o Colégio Unidade Polo, situado na área central do município de Campo Mourão/PR. Depois de conhecer o lugar, decidimos, juntamente com a direção, iniciar o trabalho com a temática sobre o envelhecimento com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Contudo, antes de iniciar qualquer abordagem sobre o tema, elaboramos um pequeno questionário com 10 questões que nos permitissem conhecer o perfil dos alunos com quem iríamos trabalhar e, ao mesmo tempo, analisar o conhecimento prévio e a opinião que eles já traziam sobre o assunto.

Responderam ao questionário 25 alunos com idade entre 11 e 14 anos.

Desse total, 14 alunos alegaram conviver com idosos. Quando questionados, tendo como base elementos mais pontuais sobre a velhice, pudemos perceber que as respostas não foram muito diversificadas. Na tabela a seguir podem ser observadas algumas das respostas dadas pelos alunos.

Tabela 01: Questionário I

O que é ser idoso para você?	É ser uma pessoa mais velha que precisa de cuidados especiais.
	É ser uma pessoa sensível, como se fosse criança pela segunda vez, só que com mais cuidados.
	É ser uma pessoa com conhecimento, que viveu muito tempo.
Como você se imagina na velhice?	Uma pessoa com menos movimento, mas com mais conhecimento.
	Com cabelos brancos, coluna encurvada, pele fina e enrugada.
	Uma senhora com filhos e netos numa casa enorme e “antenada”.
Qual sua visão sobre ser idoso atualmente? Justifique!	Uma pessoa que gosta de tudo certo, mas, às vezes, implicante.
	Uma pessoa que mimia os netos e é carinhosa.
	Com rugas e que precisa de ajuda para fazer algumas coisas.
	Pessoas mais animadas, mas que muitas vezes são maltratadas.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Esses exemplos nos permitem observar que os alunos retrataram, em sua maioria, os idosos como pessoas sensíveis que precisam de cuidados, de carinho e que, por vezes, sofrem de maus tratos. Essas respostas revelaram a ideia de que, ao tornar-se idoso, o ser

humano entra no campo da passividade. Ou seja, é como se, a partir de agora, eles entrassem em uma fase em que, aos poucos, fossem passando por uma transição na qual deixassem de viver para começar a existir, ou melhor: é como se regredissem no tempo, tornando-se "criança pela segunda vez".

Leituras, preparação e apresentação teatral dos acadêmicos

Em todo início de trabalho há de se ter uma preparação e cuidado com o planejamento. Isso deve ser muito mais intenso, no entanto, no caso de uma atividade docente inovadora, tanto por sua metodologia quanto pelo tema central proposto, pois tal momento se torna uma etapa fundamental para o desenvolvimento e posterior sucesso da atividade. Este tópico tem por objetivo demonstrar as etapas da primeira fase do projeto, as leituras para familiarização com o tema do envelhecimento humano, o passo a passo realizado para a organização da intervenção na escola visando uma das metodologias utilizadas nas diversas intervenções: a do teatro. Preparar a construção de roteiro teatral, ensaios, bem como o primeiro contato efetivo dos alunos com técnicas teatrais.

Quando foi proposto trabalhar com o tema do envelhecimento humano, foi unânime, entre os acadêmicos envolvidos, a surpresa, e passamos a enxergar aquilo como um grande desafio, por dois motivos: o primeiro dizia respeito à falta de conhecimento científico – e mesmo no campo do senso comum – sobre a temática e, segundo motivo, como metodologicamente poderíamos abordar o envelhecimento humano no ambiente escolar? O ponto de partida para a atividade surgiu com esses desafios postos.

O grupo de acadêmicos pibianos se reuniu com os professores coordenadores diversas vezes para estudar e discutir o envelhecimento humano e a velhice a partir de textos acadêmicos/científicos que abordavam variados âmbitos, como, por exemplo: a literatura infantojuvenil retratando a velhice, músicas *sobre e para* idosos, a velhice na universidade, atividades pedagógicas infantis que tratam à sua maneira a velhice e o idoso para a criança, estatísticas sobre o envelhecimento e a qualidade de vida da população idosa no Brasil e no mundo, as políticas públicas para a velhice, representações e funções sociais do idoso em determinados momentos e contextos, entre outras abordagens possíveis. No mesmo caminho, o grupo de estudos contou também com a participação de pessoas ligadas diretamente a discussões sobre o envelhecimento,

principalmente na área de saúde mental e corporal, elucidando características fundamentais sobre a velhice no país. Reuniões, leituras e bate-papos trouxeram-nos novas concepções sobre o tema tratado, construindo embasamento teórico para abordá-lo com os alunos.

Partimos então para a escolha metodológica da intervenção, e era unânime o objetivo de se trabalhar com algo que interferisse no cotidiano escolar, que rompesse com o habitual espaço da sala de aula, tornando o processo de aprendizagem sobre o tema prazeroso e estimulante, fazendo também com que todos os alunos, de maneira coletiva, pudessem vivenciar cada passo da intervenção. Foi assim que um dos grupos de pibidianos chegou à ideia do teatro como maneira de abordar o envelhecimento humano na escola, aproveitando-se da oportunidade de ser um dos integrantes do grupo diretor e ator teatral de formação. O primeiro passo foi a leitura da bibliografia sobre a aproximação do teatro como ferramenta de ensino e estímulo de aprendizagem, em função do que optamos pela escolha de alguns referenciais já consagrados na área, como: Olga Reverbel (1993; 1996), Sábato Magaldi (1986) e José Antonio Dominguez (1978). A intenção, a partir do teatro, era fazer os alunos repensarem e mudarem suas ações, ou seja, gerar incômodo, estimulando características fundamentais para a melhoria no desempenho escolar. Conforme os autores acima, o teatro, ao ser explorado como recurso pelos professores no espaço da sala de aula, possibilita melhoria na capacidade de expressão, criatividade, observação, percepção e senso crítico dos alunos.

Com essa prática, seria possível problematizar aspectos e momentos do dia a dia da pessoa idosa, buscando relativizar preconceitos e estereótipos a respeito dos idosos irradiados na sociedade. Inicialmente, o grupo de acadêmicos pibidianos tomou o primeiro gesto de aproximar os alunos da educação básica do teatro, encenando uma peça sobre a terceira idade, a qual foi dado o nome de “Feliz-idade”.

IMAGEM 01 e 02: Preparação do espaço e caracterização para apresentação da peça teatral



Fonte: Acervo do Pibid/História (UNESPAR – Campo Mourão/PR) em jul. 2015.

A seguir, a complementação da prática educativa ficaria a cargo dos alunos da educação básica, que preparariam uma prática teatral de cenas-curtas construídas por eles próprios para execução. No desenvolvimento das duas fases, os alunos viram, antes, os fundamentos básicos da ação teatral encenada pelos acadêmicos pibidianos e, após isso, e treinados em pequenas oficinas coordenadas e supervisionadas pelo acadêmico diretor e ator teatral, puderam praticar o teatro. É o que veremos a seguir.

Atividades desenvolvidas pelos alunos

Após a encenação teatral do grupo de acadêmicos, chegou-se ao momento da intervenção prática dos alunos. A proposta logo foi apresentada a estes: em grupos de 4 a 5 alunos, deveriam criar uma cena de teatro que abordasse e dialogasse com o tema do envelhecimento humano. A surpresa envolveu a todos, juntamente com uma agradável receptividade ao desafio.

O trabalho foi sugerido em quatro etapas: a) realização de entrevistas dos alunos com idosos de sua comunidade; b) oficina de iniciação ao teatro; c) produção de um texto a partir das pesquisas e entrevistas realizadas com os idosos e sua adaptação para a dramatização; e d) realização da representação teatral a ser apresentada pelos alunos.

Mãos à obra, os alunos logo se distribuíram em grupos e receberam um breve roteiro da entrevista com idosos com algumas possibilidades de perguntas a serem feitas.

- Como você imaginava a velhice quando era jovem?
- Que atividades gosta de realizar sendo idoso(a)?
- Que atividades não gosta de desenvolver sendo idoso(a)?
- Como enxerga a velhice sendo idoso(a) hoje?

Na primeira etapa, todos os grupos realizaram as entrevistas. Na maioria dos casos as pessoas entrevistadas eram ligadas à família, avós e avôs. No entanto, alguns alunos foram além, entrevistando pessoas da vizinhança de onde moravam. Nessa fase, as respostas contribuíram para a formação dos roteiros e foram eficazes para o primeiro contato com os idosos na desconstrução de preconceitos e de estereótipos carregados por esses alunos.

A segunda etapa foi a da realização de uma oficina de iniciação teatral. Essa oficina foi realizada mais de uma vez e o envolvimento e o entusiasmo dos alunos eram vibrantes.

O momento de preparação e contato com a linguagem artística fazia-se necessário para que os alunos pudessem desenvolver o trabalho com qualidade e melhor desempenho. Na oficina, com duração de duas aulas, foram abordados elementos fundamentais a qualquer ação teatral: expressividade corporal, construção e reconhecimento do instrumento vocal e caracterização de elementos psicológicos da personagem. Para tal, a oficina contemplou os elementos citados partindo de jogos e de exercícios lúdicos teatrais, seguindo as ideias teóricas e metodológicas da dramaturga, teatróloga e diretora estadunidense Viola Spolin (Cf. 2015; 2007), onde os atores-alunos aprendem e praticam teatro através de jogos teatrais livres e de improvisação, compondo suas próprias habilidades no jogo ao decorrer da prática.

IMAGEM 02 e 03: Oficina teatral e ensaio das peças teatrais produzidas pelos alunos



Fonte: Acervo do Pibid/História (UNESPAR – Campo Mourão/PR) em ago. 2015.

Na terceira etapa, estabelecido o contato com o fazer teatral, realizadas as entrevistas com as pessoas idosas, era hora de reunir informações, opiniões e ideias para a criação do roteiro dramático que, conseqüentemente, se transformaria em cena. Era perceptível pelos acadêmicos e professores que esta era a fase mais difícil de se realizar pelos alunos, não pelo fato de se ter que escrever um texto de gênero ainda pouco conhecido pelos alunos, mas por conta de essa construção ter de ser coletiva, implicando discordâncias de opinião e ideias contrárias pelo fato de que poucas vezes os alunos são colocados em situação parecida no dia a dia escolar. Esse foi justamente um dos fatores que nos conduziu à escolha do teatro enquanto ferramenta metodológica, pois o jogo de construção coletiva e colaborativa enriqueceria o trabalho e aconteceria quase que de maneira natural. Foram realizadas algumas orientações dos acadêmicos em cada grupo

de alunos, o que possibilitou a solução de tais conflitos e a construção de cenas que contemplassem as ideias e as opiniões da maioria dos alunos de cada grupo. Após algumas aulas, estavam prontos os roteiros com os quais novas cenas contariam histórias sobre o envelhecimento humano e a vida na terceira idade e isso sendo realizado a partir dos alunos.

Na quarta e última etapa houve ensaios, preparação, construção de figurinos, improvisação de adereços e de cenários, mais ensaios, o que gerava alguma ansiedade pela apresentação. O ambiente escolar transformava-se num ambiente de teatro. O tema, tão delicado e necessário de ser tratado na educação básica, ganhava vida nas personagens e nas pequenas histórias que surgiam e eram apresentadas no refeitório do colégio, um espaço ideal na escola, onde os ensaios e as cenas poderiam ser desenvolvidos. O público das cenas eram os próprios alunos, que se confraternizavam com a criação coletiva e bem-sucedida do trabalho.

Formaram-se cenas diversas, que expunham ora a figura do idoso radical, que andava de *skate* e curtia *rock*, ora a idosa que contava a seus netos histórias assim compartilhando com eles a sua vida, ora o idoso “antenado”, que sabia de seus direitos enquanto consumidor – e que não é facilmente enganado ao comprar remédios na farmácia – ora idosos abandonados na rua que recebiam ajuda de jovens que os compreendiam e se solidarizavam com a situação de exclusão na qual muitos idosos vivem. Foram histórias criadas que, no processo da atividade toda, mostravam mudanças na forma de pensar de cada aluno, histórias que, construídas a muitas mãos, tinham como papel principal a problematização e a discussão em grupo de um tema tão importante e cada vez mais impactante em nossa sociedade e de que os alunos – ou mesmo muitos de nós – pouco nos damos conta. Como propunha Augusto Boal (1975), em seu necessário método de *teatro do oprimido*, os alunos e seus papéis teatrais se amplificaram no momento da apresentação. Os atores colocavam à mostra as suas opiniões e formações construtivas sobre o tema, enquanto os espectadores elaboravam suas próprias concepções sobre a cena, e assim todos ativamente foram atores/espectadores e (re)construtores de opinião sobre o envelhecimento humano.

Avaliação pós-aplicação

Após a realização das atividades e das conversas com os alunos, foi aplicado um segundo questionário, desta vez com a intenção de averiguar se o trabalho realizado por

meio do teatro havia provocado alguma reflexão, de modo a haver uma alteração no pensamento prévio que os alunos traziam consigo quando responderam o primeiro questionário – assunto abordado anteriormente neste texto.

Responderam ao segundo questionário 25 alunos com as mesmas idades citadas, porém, apesar de no questionário constarem exatamente as mesmas questões a que os alunos já haviam respondido anteriormente, as respostas sofreram alterações, como podem ser observadas algumas delas na tabela abaixo.

Tabela 02: Questionário II

O que é ser idoso para você?	É ter idade mais avançada, só que eles são como todos.
	É uma nova fase.
	É quando tem mais experiência de vida e, claro, a pele meio flácida.
	Ter dificuldades, experiência e sabedoria.
Como você se imagina na velhice?	Uma pessoa com menos movimento, mas com mais conhecimento.
	Com cabelos brancos, pele enrugada, fazendo exercícios.
	Um pouco chata, mas sempre em forma e saudável.
Qual sua visão sobre ser idoso atualmente? Justifique!	Pessoas experientes que ainda têm muito que contribuir com a sociedade.
	Os idosos também se divertem como todo mundo e, por isso, aprendi que ser idoso não é chato como eu imaginava.
	Minha visão mudou sobre os idosos, pois eu pensava que essa fase da vida seria muito chata, mas não é.
	Nem todos os idosos são rabugentos e alguns até são bem atualizados com a tecnologia.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Como podemos observar, a menção a dificuldades, experiência, sabedoria, além das questões estéticas, ainda consta das respostas sobre velhice, mas vemos que alguns aspectos positivos foram acrescentados quando os alunos se depararam novamente com as questões: *O que é ser idoso para você?* E *Como você se imagina na velhice?* O olhar sobre cuidados com a saúde e a prática de exercícios parecem estar ocorrendo de forma mais natural.

Diante do questionamento: *Qual é sua visão sobre ser idoso atualmente? Justifique!*, é possível perceber a presença de verbos utilizados no pretérito imperfeito, pois as palavras

“eu pensava” ou “eu imaginava” não quer dizer que houve por completo uma mudança de pensamento, mas mostra que está ocorrendo um processo de reflexão no qual os sujeitos começaram a olhar a velhice por um outro ângulo, sem levar em consideração apenas aspectos negativos, de forma que a velhice se constitui como uma fase da vida, um processo natural do ser humano, visto que todos caminhamos com a possibilidade de chegarmos até ela.

Considerações finais

O Programa de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID é reconhecido por professores de cursos de licenciatura como um grande ganho de formação docente e um encaminhamento de solução para o problema pungente que vivem aqueles cursos hoje no Brasil: o da baixa procura por eles, numa realidade em que poucos jovens querem ser professor em sua vida adulta.

O PIBID agrada e favorece por um aspecto saliente: dispõe ao acadêmico de graduação a chance de, já no primeiro ano de curso, obter acesso à prática de educador, lidando com seu possível destino profissional logo no primeiro momento em que entra na universidade, isso colaborando com o posterior estágio obrigatório na formação docente (Cf. HAHN; GIOVANNI, 2015). Além do mais, ocorre um aspecto especial que se deve frisar: o de que as ações educativas provocadas pelas práticas de acadêmicos de licenciaturas em escolas dentro do PIBID são benquistas, o que geralmente é externado por palavras e exclamações da parte dos alunos como: “Quando vocês voltam à escola? Eu gostei muito de suas aulas!”. Ou então: “Fiquem mais. Nunca tive uma aula de História assim, tão boa”.

Claro é que não se deve tomar sem questionar a exclamação de alunos como atestado da eficácia educativa e de formação do que lhes foi proposto e viabilizado pelos licenciandos na escola, mas também, convenhamos, não se pode desprezar. Quando se está diante de uma experiência educativa como a descrita aqui, pode-se tentar avaliá-la por perguntas do tipo: “Os alunos estão aprendendo? Quais são os principais fatos e acontecimentos da história brasileira?” Os alunos estão “aprendendo história fazendo isso?”. Tais perguntas podem ser retrucadas com outras perguntas: “O que é história? “No ato de aprender história, o que está mais em jogo é memorizar ou aprender a agir/pensar com autonomia?”.

O que se está defendendo aqui, neste texto, é a possibilidade de se pensar que conhecimento sobre o humano se aprende humanamente e numa situação em que, devidamente coordenados, treinados e supervisionados, alunos e alunas possam se autoeducar, fertilizando suas experiências sociais e humanas com práticas em que aulas de História sejam muito mais criação do que prescrição, vale dizer, sejam muito mais autonomia do que domesticação. A escola deve ser, a nosso ver, um ambiente educativo em que haja relações com negociação e diálogos e não imposições. Muitas vezes, em situações de vida coletiva, as pessoas são postas para viver como a vida é – viver é “viver em relações” – os alunos se autoeducam muito mais do que se lhes chegasse algo pronto e acabado. “Aprendi mais ali dentro da escola convivendo com meus colegas em três dias muito mais sobre cidadania e democracia do que qualquer aula me ensinou”. Essa afirmação não é da nossa formulação, pois ela saiu da boca de uma aluna que esteve na ocupação de sua escola no Paraná em 2016, proferida na frente de deputados embasbacados, que nunca haviam tido uma “aula” como a aula que aquela aluna havia tido na escola. Pensamento autônomo.

A chance que os alunos tiveram com a ação educativa aqui descrita foi a de viverem uma experiência em que eles foram, de fato e de direito, sujeitos de sua história, de sua autoeducação, facilitada e promovida por acadêmicos que valorizam o pensamento autônomo e a capacidade criadora e reflexiva dos alunos. O que fizemos na escola foi favorecer as condições educacionais para que o ambiente se fizesse e fosse sentido como momento de conhecimento e de educação pelos alunos e pelas alunas.

Quando uma escola consegue chegar a esse estado de favorecer as condições educacionais, então ela deixa de ser um espaço só de aulas de 50 minutos, restrita a livros e exercícios de livro didático, a leituras e escreveres, e a avaliações de múltipla escolha. Ocorre que essa é uma expectativa longe de ser realizada normalmente. Essa é, infelizmente, a nossa realidade. Iniciativas como essas ficam restritas a alguns momentos, sem que se consiga desconstituir a escola atravessada de convenções, de expectativas, de prescrições e de imposições sociais que não levam em conta o conhecimento, os anseios, a vida, a humanidade dos alunos e das alunas, sendo muito mais fácil concebê-los com manipuláveis, imaturos, fáceis de serem doutrinados.

O PIBID tem promovido a alteração dessa lógica, senão a alteração dela, pelo menos a reflexão sobre suas possibilidades, tanto entre os acadêmicos do Curso de História como entre os alunos que recebem a intervenção e a acolhem: é preciso

surpreender, criar, autonomizar, ensinar a ter ousadias e romper com hierarquias estanques que nunca são questionadas, e são tomadas como naturais. Fora disso, só há pessoas submetidas a ordens que vêm de fora, que não sabem a hora de serem autoridades e a de reconhecerem autoridades. Pessoas que não têm pensamento próprio, incapazes de agir com cidadania e democracia. É assim que esses alunos são concebidos. O PIBID cria as condições de inversão para alterar esse pensamento.

Foi com esse espírito que a prática com o teatro, como demonstrado neste texto, quis fazer, e se juntar a muitas iniciativas de colegas professores e professoras, que também têm pensado e praticado isso em seu dia a dia escolar, mesmo contra todas as forças contrárias às suas práticas e aos seus objetivos de educar verdadeiramente.

Referências

ALBUQUERQUE, Fernando Roberto Pires de Carvalho; SILVA, Luciano Gonçalves de Castro e. Tendências dos níveis e padrões de mortalidade e seus diferenciais regionais no período de 2000-2030: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. In: ERVATTI, Leila Regina; BORGES, Gabriel Mendes; JARDIM, Antônio de Ponte (Orgs.). **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 49-86.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRASIL. **Lei nº 10741/2003**. Estatuto do Idoso. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação, 2004.

_____. **Lei nº. 8.842/1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/idosolei8842.htm>>. Acesso em: 2 maio de 2015.

_____. **Portaria nº 2.528/2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em <<http://www.saudeidoso.iciet.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSaudeadaPessoaIdosa.pdf>>. Acesso em: 2 maio de 2015.

CAIMI, Flávia Eloísa. História escolar e memória coletiva: Como se ensina? Como se aprende? In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

DOMINGUEZ, José Antonio. **Teatro e educação: uma pesquisa**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1978.

HAHN, Fábio André; GIOVANNI, Adaiane. Iniciação à docência e ensino de História - desafios na contemporaneidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, 2015. p. 430-444.

MAGALDI, Sábado. **Iniciação ao teatro**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

REVERBEL, Olga. **O texto no palco**. Porto Alegre, RS: Editora Kuarup, 1993.

_____. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo: Editora Scipione, 1993

SENA, Teresa Bezerra de. O envelhecimento na sala de aula: a importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n. 15, out. 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>. Consulta em: 15 maio de 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Recebido em: 25 de outubro de 2018.

Aprovado em: 05 de abril de 2019.